



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA



Instituto de História
COLEGIADO DO CURSO DE HISTÓRIA

PLANO DE ENSINO

1. IDENTIFICAÇÃO

COMPONENTE CURRICULAR: História, Educação e Linguagens				
UNIDADE OFERTANTE: INHIS				
CÓDIGO: INHIS39050		PERÍODO/SÉRIE: -		TURMA: I
CARGA HORÁRIA			NATUREZA	
TEÓRICA: 60	PRÁTICA: -	TOTAL: 60	OBRIGATÓRIA: ()	OPTATIVA: (X)
PROFESSOR(A): Guilherme Amaral Luz				ANO/SEMESTRE: 2023/2
OBSERVAÇÕES:				

2. EMENTA

Introdução aos conceitos de linguagem. Estudo das linguagens no âmbito da pesquisa e do ensino de história. Construção de possibilidades metodológicas no trabalho com as diferentes linguagens sociais para a sala de aula de história. Levantamento de materiais didáticos, abrangendo as várias linguagens.

3. JUSTIFICATIVA

Entre os anos 60 e 90 do século XX, a expressão “virada linguística” (linguistic turn) tornou-se lugar comum em referência a novas correntes historiográficas e das ciências sociais, de modo geral, que recolocavam em evidência o caráter discursivo do conhecimento que produziam. No campo da história, talvez a mais influente e ainda mais criticada obra neste sentido foi a de Hayden White, sobretudo, o seu livro mais ambicioso: *Metahistory - The Historical Imagination in Nineteenth-century Europe* (Johns Hopkins University Press, 1973). Nela, White propunha considerar obras clássicas da historiografia oitocentista a partir de modelos próprios da teoria literária, sobretudo, de Northrop Frye. Sua tese geral é que os grandes modelos de escrita da história do século XIX são derivados de modos literários indistintos daqueles da ficção coeva (romance, comédia, tragédia e sátira), cada qual organizado em torno dos quatro principais tropos da linguagem: a metáfora, a metonímia, a sinédoque e a ironia.

Hayden White propunha uma sintonia entre os modos literários da narrativa histórico com os seus respectivos modelos interpretativos (formalista, mecanicista, organicista e contextualista) e ideológicos (anarquista, radical/revolucionário, conservador e liberal). Com ou sem razão, seus críticos foram ferozes.

Para eles, a perspectiva de White, de modo geral, negava a veracidade histórica em favor de uma tese em que tudo se convertia em matéria puramente discursiva, fechada no universo intelectual, alheia à materialidade das fontes e à realidade dos fatos. Sua perspectiva mostrava-se politicamente perigosa por supostamente validar igualmente todas as construções interpretativas do passado histórico, independentemente do seu valor investigativo, igualando-as à ficção.

Se, por um lado, a “virada linguística” na historiografia enfrentou este tipo de ataque; por outro, abriu um enorme campo de investigações para os historiadores da segunda metade do século XX. A História Cultural, a História Social e a Nova História Política tornaram-se mais sensíveis à dimensão “formal” e discursiva de suas fontes e do próprio texto historiográfico. Permitiu ainda alargar o conceito de documento e incluir, no seu rol, objetos até então reduzidos ao campo estético, tais como a literatura, a arte, o cinema, o teatro, a oralidade e tantas outras expressões humanas capazes de comunicar valores, ideias, visões de mundo e interpretações da realidade.

A “virada linguística” também foi responsável, na história recente da historiografia mundial, pela centralidade da narrativa histórica nos debates sobre produção, ensino e divulgação de conhecimentos históricos. Mais do que um tipo particular de discurso prosaico, narrativa aqui se entende, de modo mais geral, como a construção discursiva de nexos e significados entre acontecimentos (reais ou fictícios) concatenados. Dessa forma, o conhecimento histórico é incapaz de transcender à narrativa, estando sempre dependente de alguma forma de estabelecimento de nexos entre eventos, fenômenos e/ou ações de certos personagens (individuais ou coletivos, concretos ou abstratos). Como narrativa, o discurso histórico jamais é ideologicamente neutro ou imparcial. Por mais que ancorado na mais ampla e competente pesquisa, os nexos decorrentes da interpretação do historiador sempre encontrarão uma forma discursiva afinada à sua visão de mundo e de história, a ser sustentada pela comprovação no trato cuidadoso e metódico com as fontes.

Contemporaneamente, a questão da narrativa histórica tem assumido um caráter altamente problemático. A evolução tecnológica dos meios de comunicação, iniciada no século XX e acelerada no início do século XXI, tornou disponível a um público muito amplo (em grande maior parte sem qualquer formação teórica ou instrumental na história profissional) um volume enorme de informações históricas, nem sempre acuradas e bem fundamentadas. A mobilização de tais informações por critérios aleatórios (e muitas vezes mal-intencionados) tem dado origem a diversas narrativas pseudo-históricas, cujo substrato meta-narrativo se associa a modelos interpretativos negacionistas, revisionistas, relativistas e conspiracionistas, por exemplo.

A Internet, inflada de narrativas dessa natureza impulsionadas pela inteligência artificial e livre de regulações (legais ou éticas) que limitem a sua circulação, é a porta de entrada principal para os jovens em idade escolar terem acesso à informação e ao conhecimento histórico. Blogs, redes sociais, canais de streaming, podcasts, jogos eletrônicos e outros tipos de espaços cibernéticos concorrem com a escola na iniciação dos estudantes à História do Brasil e do Mundo. Suas linguagens, mais atualizadas e atrativas do que o velho texto oitocentista, ainda na base da narrativa dos historiadores acadêmicos profissionais e dos manuais didáticos, e do que as estratégias maçantes da didática tradicional de aulas expositivas de 50 minutos, fazem o que professores de história têm muita dificuldade em realizar: geram interesse das crianças e adolescentes para temas da história. Mas que história(s) é(são) essa(s)? Cumprem os objetivos das políticas públicas? Tornam dispensável o papel de mediação dos professores e das professoras na construção do conhecimento histórico?

Nesta disciplina, pretendemos colocar em questão as linguagens de produção e difusão do conhecimento histórico na Internet na contemporaneidade, problematizando sua relação (tensa) com as linguagens do ensino-aprendizagem em História na escola e elaborando possíveis estratégias didático-metodológicas mais afinadas com as linguagens de nosso tempo, sem naturalizá-las ou, no outro extremo, demonizá-las.

4. OBJETIVO

Objetivo Geral:

Refletir sobre as linguagens da produção e divulgação do conhecimento histórico no contexto contemporâneo do ensino de História em sua relação com as novas tecnologias de comunicação consiste o objetivo geral desta disciplina.

Objetivos Específicos:

- Analisar as linguagens no processo de construção do conhecimento histórico.
- Relacionar educação, conhecimento e linguagens.
- Realizar exercícios de leitura de linguagens na perspectiva da investigação e do ensino de história.
- Identificar materiais didáticos de naturezas diferenciadas e observar os modos como articulam variadas linguagens.

5. PROGRAMA

- 1 – Ensino de história e produção do conhecimento histórico na perspectiva das “guerras das narrativas”
 - 2 – Ensino de história e história pública: da linguagem acadêmica às múltiplas linguagens
 - 3 – O conhecimento histórico e suas linguagens nas novas tecnologias de informação e comunicação
 - 4 – Popularização e democratização do conhecimento histórico: riscos, conflitos e questões éticas
 - 5 – Linguagens do passado: suportes do discurso histórico em mundos sem Internet
-

6. METODOLOGIA

A disciplina intercalará atividades de discussão de texto, aulas expositivas, oficinas teórico-práticas e orientações coletivas para trabalho crítico-propositivo.

Cronograma

DATA	ATIVIDADE
10/01	Apresentação do Programa
17/01	Discussão de Texto: Laville, C. A guerra das narrativas: debates e ilusões em torno do ensino de História. In: <i>Revista Brasileira de História</i> , v. 19, n. 38: 125-138, 1999. DOI: 10.1590/S0102-01881999000200006
24/01	Roteiro de reparação para atividades práticas. Orientações para seleção de materiais on-line. Escolha de temática-problema a partir do currículo de história na Educação Básica; definição de ao menos três linguagens (documentários, filmes, memes, textos colaborativos – “wiki”, jogos eletrônicos, podcasts etc.); escolha de plataformas; levantamento de materiais; escolha de exemplares para análise a partir de critérios bem definidos.
31/01	Discussão de Texto: CARVALHO, B. L. P. História pública e redes sociais na internet. Elementos iniciais para um debate contemporâneo. In: <i>Transversos: Revista de História</i> , v. 07, n. 07: 35-53, 2016. DOI: 10.12957/transversos.2016.25602
07/02	Apresentação dos materiais para análise e orientações para a sequência do trabalho: contextualização dos materiais e de sua produção; análise crítica das suas concepções de história e de sua visão político-ideológica; aspectos estruturantes da sua estética; indícios de experiência de usuários; adequação etária; potencialidades para o ensino de história.
14/02	Feriado – Quarta-feira de Cinzas
21/02	Projeção e discussão de filme: <i>O Dilema das Redes (The Social Dilemma)</i> . Netflix, EUA: 2020.
28/02	Discussão de texto: Rosenzweig, Roy & Cohen, Daniel J. Rede de mentiras? O conhecimento histórico na Internet. In: ROSENZWEIG, R. <i>Clio conectada. O futuro do passado na era digital</i> , Belo Horizonte: Autêntica, 2022. p. 83-114.
06/03	Atividade teórico-prática: orientações sobre criação e revisão de textos colaborativos na Wikipedia. Oficina de revisão de verbetes históricos.
13/03	Discussão de texto: Pereira, Matheus Henrique de Faria. Tempos de popularização da história? Questões em torno da Wikipédia. In: PEREIRA, M. H. F. <i>Lembrança do presente. Ensaios sobre a condição histórica na era da Internet</i> , Belo Horizonte: Autêntica, 2022. p. 71-94
20/03	Substituição de atividades – II COEPPHIS
27/03	Oficina. De volta às linguagens do “mundo real”: suportes tecnológicos do passado e o problema da “materialidade”. Atividade com uso de acervos do laboratório EDUCAM.
03/04	Apresentações de trabalhos de análise crítico-propositiva de materiais on-line.
10/04	Apresentações e entrega dos trabalhos de análise crítico-propositiva de materiais on-line.
17/04	Autoavaliação, avaliação da disciplina e encerramento
24/04	Prova substitutiva para discentes frequentes sem média suficiente para aprovação

7. AVALIAÇÃO

Constituem instrumentos de avaliação:

1 – Leitura privilegiada de um dos textos previstos no programa – **20 pontos**

2 – Estudo crítico propositivo de três materiais em diferentes linguagens sobre tema histórico na internet, pensando em seus potenciais usos em educação – **40 pontos** (20 para apresentação oral e 20 para a entrega por escrito)

3 – Autoavaliação – **40 pontos**

8. BIBLIOGRAFIA

Básica

CARVALHO, B. L. P. História pública e redes sociais na internet. Elementos iniciais para um debate contemporâneo. In: Transversos: Revista de História, v. 07, n. 07: 35-53, 2016. DOI: 10.12957/transversos.2016.25602

LAVILLE, C. A guerra das narrativas: debates e ilusões em torno do ensino de História. In: Revista Brasileira de História, v. 19, n. 38: 125-138, 1999. DOI: 10.1590/S0102-01881999000200006

PEREIRA, M. H. F. Lembrança do presente. Ensaio sobre a condição histórica na era da Internet, Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

ROSENZWEIG, R. Clio conectada. O futuro do passado na era digital, Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

Complementar

DAYRELL, Juarez Tarcísio (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1996.

FAZENDA, Ivani C. A. (Org.). **A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento**. 8. ed. Campinas: Papirus, 2006.

HERMETO, Miriam. **Canção popular brasileira e ensino de história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO, Arlette Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza. **Ensino de história: saberes, sujeitos e práticas**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2009.

PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa (Orgs.). **Círculo de Bakhtin**. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

PENTEADO, Heloísa Dupas. **Metodologia do ensino de história e geografia**. São Paulo: Cortez, 1993, 1990.

ROJO, Roxane (Org.). **A prática de linguagem na sala de aula: praticando os PCNs**. Campinas: Mercado de Letras, 2000.

SILVA, Marcos A. da. **História: o prazer em ensino e pesquisa**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

9. APROVAÇÃO

Aprovado em reunião do Colegiado realizada em: ____/____/____

Coordenação do Curso de Graduação em: _____